

Ego-escritos: possíveis alternativas de produção teórica

Flávia Leiroz, doutoranda (PUC-Rio)

Resumo:

Este trabalho pretende analisar escritos contemporâneos de intelectuais que narram suas trajetórias profissionais tentando encontrar molduras teóricas que se localizam, de forma complexa, nos limites entre historiografia autobiográfica e ficção, ensaiadas pelas chamadas ego-histórias, a partir do livro de Pierre Bourdieu “Esboço de auto-análise” (2004). A principal base teórica é a ciência da literatura empírica construtivista, desenvolvida por Siegfried J. Schmidt em torno de crescentes evidências empíricas sobre a consciência construtiva do observador. Assim, discutir a escrita em primeira pessoa do singular como capaz de produzir teoria utilizando recursos estéticos e literários e envolver o leitor na discussão sobre memória, ficção, história e subjetividade transforma-se num caminho prazeroso da prática teórica e da reflexão sobre questões como ética e estética.

Palavras-chave: literatura; observador; memória; narrativa; trajetória.

Introdução

*Havendo emergido algo novo no
campo e no mundo acadêmico, há
que aparecer algo novo na página!*
Clifford Gertz

Neste texto, o objetivo é apresentar a análise da produção de teóricos (professores e intelectuais de diferentes áreas) que transformam a teoria em narrativa escrita na primeira pessoa do singular. Ao deslocarem para fora o sujeito da construção teórica tradicional, que representa uma instância geral do discurso, e trabalharem com a idéia de autobiografia como uma possível invenção do “eu” no discurso narrativo, questionam a separação entre ciência e experiência, vida e trabalho, arte e política, teoria e escrita literária. Mais do que narrar etapas de vida, cronológica e afetivamente, o que se percebe nesses escritos é a construção de uma memória que relata, ou pretende relatar, trajetórias intelectuais.

O roteiro inicial utilizado para discutir a escrita em primeira pessoa do singular como capaz de produzir teoria, propor a construção de uma experiência e, utilizando recursos estéticos e literários, envolver o leitor na discussão sobre memória, ficção, história e subjetividade, é o livro de Pierre Bourdieu “Esboço de auto-análise” (2004). O livro, finalizado em 2001, foi publicado logo após a morte do autor, em 2002.

Esse roteiro irá guiar a relação entre a autobiografia intelectual e a Ciência Empírica da Literatura, orientada por pressupostos construtivistas e desenvolvida, principalmente, por Siegfried J. Schmidt. Uma de suas principais perspectivas é que toda produção de sentido, da percepção à formação de teorias, torna-se relativa ao tempo, isto é, “determinada social e culturalmente (SCHMIDT, 1994, p. 120).

1 Molduras teóricas para relatos de experiência

Na introdução do livro “Esboço de auto-análise”, Bourdieu avisa:

Isto não é uma autobiografia. Não pretendo me sacrificar ao gênero autobiográfico, sobre o qual já falei um bocado como sendo, ao mesmo tempo, convencional e ilusório. Queria apenas tentar reunir e revelar alguns elementos para uma auto-análise (BOURDIEU, 2004, p. 37).

Quanto ao termo auto-análise, ressalta: “Ao adotar o ponto de vista do analista, obrigo-me a reter (e permito-me fazê-lo) todos os traços pertinentes do ponto de vista da sociologia, isto é, necessários à explicação e à compreensão sociológicas, e tão-somente esses traços” (BOURDIEU, 2004, p. 37).

Interessa, aqui, ressaltar as justificativas para a escrita em primeira pessoa e, ao mesmo tempo, esclarecer que apesar de ser um livro de memórias, não é ficcional ou biográfico, no sentido que ele mesmo chamou de ilusão biográfica e autobiográfica: a tentativa de construir um texto que possibilite a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita (cronológica e afetiva) numa trajetória de vida (BOURDIEU, 1996). Talvez, por isso, não há, em todo o livro, referências de Bourdieu a seu casamento ou a seus filhos, por exemplo. Há, entretanto, a explicitação de suas escolhas teóricas, de seus embates intelectuais e de suas angústias diante das disputas do mundo intelectual.

Assim, o texto de Pierre Bourdieu (2004) pode ser incluído na idéia de ego-escritos. O termo foi cunhado pelo historiador Pierre Nora (1987), que lançou a idéia de ego-história numa coletânea de ensaios, no fim dos anos 1980, que reuniu oito importantes historiadores franceses. Para ele, era o laboratório de elaboração de um novo gênero, surgido de necessidades: adequar a prática historiográfica aos movimentos que abalaram as referências clássicas da objetividade, reivindicar a investigação do presente também pelo historiador e perceber a relação entre vida e prática acadêmica.

Dos muitos convidados, apenas oito aceitaram a tarefa de escrever uma autobiografia intelectual e confessar a ligação íntima e pessoal que mantiveram com suas escolhas teóricas, conceituais e profissionais. No entanto, Pierre Nora ressalta a dificuldade que tiveram, além de certa timidez, em realizar o exercício proposto:

Toda uma tradição científica levou os historiadores, desde há um século, a apagarem-se perante seu trabalho, a dissimularem a personalidade por detrás do conhecimento, a barricarem-se por detrás de suas fichas, a evadirem-se para outra época, a não se exprimirem senão por intermédio de outros, permitindo-se fazer, na dedicatória da tese, no prefácio do ensaio, uma confidência furtiva (NORA, 1987, p. 9).

A produção teórica que propõem a construção de uma experiência e não apenas um relato de vida ou relatos de e sobre documentos não é nova. Mas dar-se conta de sua possibilidade no contexto paradoxal da condição de narrador contemporâneo que, como diz Heidrun Krieger Olinto, ao falar de si, sabe da impossibilidade de falar de si, inaugura “um novo estilo (auto)biográfico intelectual” (OLINTO, 2006, p. 221).

Os ego-escritos e seus autores, ao transformarem a teoria em narrativa e entenderem a autobiografia como uma possível invenção do “eu” no discurso narrativo, possibilitam aos teóricos se fundirem com o objeto e aquecem o debate sobre o vínculo entre suas idéias particulares e o pensamento contemporâneo. Além disso, por utilizarem a escrita ficcional – mas não com situações e personagens inventados – explicitam o caráter construtivo de nossa identidade, refletem sobre seus papéis sociais e institucionais, expõem as próprias perplexidades diante de suas transformações.

Dessa forma, a análise de ego-escritos no âmbito da literatura pressupõe um senso ético e crítico. A produção consciente de teoria e literatura implica discutir a maneira pela qual entendemos conceitos como verdade, realidade e literatura e seus sistemas de referência. Tudo isso ensaia na vida cotidiana a difícil aplicação prática de teorias que privilegiam intersubjetividade, diálogo e aceitação de mudanças paradigmáticas. Novos usos, velhos dilemas e, por que não, novas formas de escrita.

O caminho escolhido para analisar e investigar esses escritos parte da Ciência Empírica da Literatura orientada por pressupostos construtivistas, proposta por Siegfried J. Schmidt e desenvolvida pelo grupo de pesquisas Nikol (a sigla significa ciência da literatura não-conservativa)¹ nas universidades de Bielefeld e Siegen, na Alemanha, desde meados da década de 1970. Não se trata de uma concepção uniforme desenvolvida por um grupo homogêneo de pesquisadores e fundada em uma matriz disciplinar básica, mas da utilização de tradições científicas, filosóficas e religiosas para desenvolver algo novo em torno de crescentes evidências empíricas acerca da consciência construtiva do observador (SCHMIDT, 1994, p. 112).

Para Schmidt (1989), que trabalha com conceitos desenvolvidos pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, sistemas vivos são sistemas cognitivos e a vida, enquanto processo, é um processo de cognição.

A vida e os sistemas vivos não são determinados pela qualidade dos elementos que o compõem, mas por sua organização, ou seja, pela relação de seus elementos e por seu funcionamento. Há constantes influência e relação entre o sistema e o ambiente, num círculo criativo. Como diz Maturana: “Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, mas no viver não o somos” (MATURANA, 2005, p. 35).

Nessa corrente teórica, a literatura é entendida como um sistema social, que tem diferentes agentes que desempenham os seguintes papéis: produção, distribuição, recepção e pós-processamento. No texto “Sobre a escrita de histórias de literatura: observações de um ponto de vista construtivista”, Schmidt (1996) observa que o pós-processamento inclui a crítica, a interpretação e o ensino da literatura. Para o autor, crítica e ensino são atividades profissionais que exigem engajamento e risco por parte dos especialistas e se alimentam de sua subjetividade exposta. Seguindo essa linha de raciocínio, Heidrun Krieger Olinto (2003) argumenta que, por isso, críticos e professores devem tentar fazer com que o código simbólico que permite a produção do conhecimento, corresponda, também, às percepções e aos afetos que marcaram suas vidas.

2 A construção coletiva do eu

O livro de Bourdieu (2004) ganha, assim, mais um ponto de interseção com os pressupostos que aqui estão sendo desenvolvidos. O texto é fruto de seu último curso no Collège de France, quando decidiu submeter-se ao exercício da reflexividade, um dos requisitos fundamentais, defendidos por Bourdieu (2004, p. 22), para a pesquisa científica: “Ponho a serviço do mais subjetivo a análise mais objetiva”. O caráter reflexivo, elaborado como instrumento de cientificidade, visava à busca pelo entendimento de sua trajetória intelectual.

¹ O grupo de pesquisa Nikol é formado por Peter Fink, Walter Kindt, Jan Wirrer, Reinhard Zobel, Achim Barsch, Helmut Hauptmeier, Dietrich Meutsch, Gebhard Rusch, Reinhold Viehoff e liderado por Siegfried J. Schmidt.

Professor durante 20 anos no Collège de France, Bourdieu, ao escrever em primeira pessoa do singular, acaba por focalizar os embates entre as principais escolas do pensamento francês na segunda metade do século XX, os conflitos entre disciplinas, e se esforça para desmistificar a atividade intelectual, mesmo expondo a centralidade dela na produção de conhecimento contemporâneo.

Antes de continuar, seria interessante falar um pouco sobre a edição do livro. Há, no fim, uma cronologia de vida e obra e, no início, uma apresentação que, às vezes, parece querer direcionar a leitura com explicações, relações entre o escrito e as obras publicadas pelo autor (o que o próprio Bourdieu faz durante todo o texto) para dar credibilidade ao que ali está relatado. Essa apresentação tem o sugestivo título de “Emoção raciocrinada”. Mas o que está no livro é fruto da memória do autor.

Para Schmidt (1996), a memória, compreendida também como um fenômeno social, apresenta-se como forte instrumento no processo de construção de uma sociedade. O sujeito, durante o processo de socialização, internaliza normas, valores, convenções e fatos sociais que o identificam e o legitimam como membro de determinado grupo. Esses fatos sociais consistem em modos de agir, pensar e sentir exteriores aos indivíduos, mas dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem. Esses quadros sociais da memória fazem com que a memória do sujeito não seja independente de seu grupo social, nem da forma como é narrada.

O sujeito é uma criação empírica de construção de sentidos, o observador, a base para os processos ou sistemas sociais. Porém, a concepção desse sujeito, destaca Schmidt (1996, p. 116), “não pressupõe a idéia enfática da individualidade, nem acaba necessariamente em uma história idealista de heróis”. Ou seja, o sujeito – e sua memória – depende, intrinsecamente, da sociedade a qual pertence.

Dois trechos destacados do livro de Bourdieu podem nos mostrar questões paradoxais, mas não contraditórias, da relação entre sujeito e sociedade, memória e história, as experiências e o relato delas. Duas páginas antes de narrar sua aula inaugural no Collège de France, Bourdieu confessa: “O mundo intelectual, que se pensa tão profundamente liberto das conveniências e das convenções, sempre me pareceu habitado por conformismos profundos, os quais agiram sobre mim como forças repulsivas” (BOURDIEU, 2004, p. 128).

Ao ingressar no Collège de France, em 1982, Bourdieu proferiu uma aula sobre a aula. Diante de uma audiência composta por Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault, entre outros, quis chamar a atenção para as crenças que regem o meio universitário. No trecho destacado a seguir, podemos perceber que o autor utiliza a memória para construir uma narrativa que explicita a questão da auto-análise sociológica e, ao mesmo tempo, ao narrar episódio público, nos faz pensar sobre a questão da sinceridade e da veracidade – não há citação de documentos ou referências (apenas da ilustre audiência) – e refletir sobre o complexo lugar que pode ocupar a memória, que não é história nem necessariamente ficção.

Eu havia acreditado enxergar, enfim, uma saída para a contradição em que me engancha o próprio fato da consagração social, o qual abala minha imagem de mim: tomar como objeto de minha aula o fato de dar uma aula inaugural [...] Mas subestimara a violência do que, em lugar de um simples discurso ritual, tornava-se uma espécie de ‘intervenção’, no sentido que lhe conferem os artistas. Descrever o rito na própria consumação do rito equivalia a cometer o barbarismo social por excelência, que consiste em pôr a crença em suspenso, ou

pior, em questioná-la e colocá-la em perigo exatamente no momento e no lugar em que seria apropriado celebrá-la e reforçá-la [...] Não foi a única vez, em minha vida, que experimentei o sentimento de estar constrangido por uma força superior a fazer algo que me custava muito e cuja necessidade só eu mesmo atinava (BOURDIEU, 2004, p. 131-132).

Para Schmidt (1996), as histórias são construções motivadas por necessidades sociais e precisam ser legitimadas. Aliás, para ele, história é uma construção cognitiva de sujeitos presentes, servindo ao propósito de organizar sua recordação de forma narrativa (SCHMIDT, 1996, p. 121).

Nessa perspectiva, explicita-se a diferença entre a experiência e as escolhas explicativas que são feitas para narrá-las. A história de uma vida, como a de Bourdieu, encontra legitimação, então, na tentativa de adequar o pesquisador à sua concepção de verdade científica, na qual vida e trabalho não são instâncias dicotômicas. Outra percepção importante é a forma de escrita escolhida para explicar suas experiências de vida.

Sergio Miceli, tradutor do livro de Pierre Bourdieu, diz na introdução:

Quero ressaltar as manhas do narrador, que me parecem a graça do livro, ao propiciar e encorajar sentimentos de empatia no leitor. Por se tratar de uma fala, enunciada na primeira pessoa, de feição autobiográfico, na qual se mesclam episódios lancinantes, transcritos pela emoção escancarada, informações históricas, afinidades eletivas, mágoas, lembranças doídas, o texto estimula no leitor disposição idêntica para revirar o passado e buscar aí os apertos do coração que lhe afetam (MICELI, 2004, p. 15).

Se, para Schmidt (1994) e para o estudo empírico da literatura, os dados são sempre avaliados e interpretados, e não oferecidos objetivamente, devemos fugir das histórias que pretendem um relato verdadeiro sobre o que aconteceu de fato. O importante não é a veracidade, mas a sinceridade diante dos pressupostos escolhidos não somente para o desenvolvimento de um trabalho, mas como possibilidade de um modo de vida.

Assim, por se valer de material autobiográfico, o exercício auto-reflexivo na produção teórico-conceitual invade o universo da literatura ao escolher a escrita considerada literária, e intensifica a discussão sobre textos reconhecidos como científicos.

Para Schmidt (1989), o valor científico deve ser encontrado nos procedimentos escolhidos pela prática da ciência – tida, também, como uma aquisição verbalizada, orientada teórica, explícita e sistematicamente por experiências empíricas intersubjetivas – com o objetivo de adquirir experiência e fazer essa experiência acessível a outros. Schmidt (1989) afirma que o cientista deve explicitar sua construção teórica, intencional e holística, os critérios de valores utilizados e os objetivos sociopolíticos, definindo seu espaço público e tendo a consciência do local de sua fala.

2.1 As possíveis tramas da vida narrada

Beatriz Sarlo (2005) afirma que quando historiadores começaram a falar sobre a relatividade do fato (histórico ou científico), referiam-se à impossibilidade de falar de um relato sem incluí-lo em uma trama, uma sucessão de acontecimentos que constituem

a ação normalmente associada a uma obra de ficção, que não é necessariamente apenas uma ordem cronológica. É a trama que define a pertinência das inclusões e das exclusões, que possui uma vontade construtiva, que tece hipóteses de vínculos, que desenvolve processos estabelecidos por princípios e regulados por idéias – muitas vezes em conflito – do que seja uma história que vale a pena ser contada: os sujeitos, as séries de fatos, a relação entre fatos e sujeitos, a perspectiva, os modos da figuração e do discurso.

Assim, para Sarlo (2005), os textos históricos (ou científicos) também realizam construções e seleções, estabelecem relações e vínculos com conceitos, teorias e sujeitos que interessam ao grupo e ao contexto no qual serão apresentados. Ou seja, não é simplesmente na forma de escrita escolhida que a veracidade e a sinceridade defendidas se explicitam. No entanto, a escolha da trama e da escrita possibilita uma discussão sobre memórias possíveis, coletivas, que pressupõem preservação e renegociação de representações do passado que influenciam, decisivamente, nas escolhas de vida presentes.

Por isso, essas questões nos permitem, ainda segundo Schmidt (1996), em vez de questionar nosso saber, responder em que consiste nosso conhecimento e de que maneira sabemos; permite-nos realizar a observação da observação: perceber ou indagar como atribuímos sentido ao que vemos, interpretamos e descrevemos, como são organizadas nossas experiências e a percepção de nosso mundo experiencial e de como são tiradas conclusões.

Se o observador é o ponto principal e está completamente incluído no mundo observado, podemos trabalhar com o conceito de comunicação como uma apresentação de si mesmo, de seu grupo social, que sempre evoca o outro nos processos correspondentes da vida. Conseqüentemente, pode determinar o fim da separação entre linguagem da observação e linguagem da teoria. Este é um exercício fundamental: ver o que está em volta de nossa formação histórica, perceber sob qual luz podemos extrair suas visibilidades e, com base nisso, analisar memórias e ações possíveis.

Conclusão

No livro “Esboço de auto-análise”, a escrita literária extrapola o vivido, reúne imaginação e experiência, expõe elos entre percepção de si, vivência em uma comunidade científica e as formas de impacto e interação desses modelos de teorização de atitudes sociais e políticas. No entanto, o texto de Bourdieu (2004) vai além do possível gesto de auto-representação de todo um pequeno grupo. Tenta fazer com que o código simbólico que permite a produção do conhecimento corresponda, e dê conta, das percepções e dos afetos que marcaram seu corpo, sua vida.

A escolha pela escrita considerada literária é fundamental porque permite reconhecer as molduras teóricas mais pelo que elas indicam como exterioridade, perceber o “eu” como marca lingüística de uma vida posta em narração, como moldura que expõe a subjetividade a tal ponto que, paradoxalmente, descentra o sujeito e inverte um dos processos mais comuns na interpretação de textos literários, que é o de visualizar a produção de um personagem no discurso teórico-conceitual.

Diz Bourdieu:

Logrei assumir o ponto de vista do autor, como dizia Flaubert, ou seja, colocar-me em pensamento no lugar que, escritor, pintor,

operário ou empregado de escritório, cada um deles ocupava no mundo social: o sentimento de aprender uma obra e uma vida no movimento necessário de sua realização e de estar, portanto, apto a conferir-me uma apropriação ativa de ambas, simpraxia em lugar de simpatia, voltada ela mesma para a criação e a ação (BOURDIEU, 2004, p. 134).

Siegfried Schmidt defende a idéia de a ética ser a base e o ponto final do conhecimento, pois ninguém pode reivindicar para si a melhor perspectiva. Assim, concluo com as palavras de Bourdieu (2004) e as possibilidades com as quais esta pesquisa visa a trabalhar: uma nova prática teórica, auto-reflexiva, sincera, que nos ajude a produzir conhecimento e compartilhar, explicitamente, experiências de vida, com a possibilidade de incluir afetos em suas construções:

E nada me deixaria mais feliz do que lograr levar alguns dos meus leitores ou leitoras a reconhecer suas experiências, suas dificuldades, suas indagações, seus sofrimentos etc., nos meus e a poder extrair dessa identificação realista, justo o oposto de uma projeção exaltada, meios de fazer e de viver um pouco melhor aquilo que vivem e fazem (BOURDIEU, 2004, p. 135).

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- MICELI, S. “A emoção racionada”. In: BOURDIEU, P. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 7-20.
- NORA, P. (Org.). *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- OLINTO, H. K. “Uma intelectual de letras em primeira pessoa”. In: MONTEIRO, M. C.; LIMA, T. M. de O. (Orgs.). *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006, p. 217-225.
- _____. Pequenos ego-escritos intelectuais. *Revista Palavra* – publicação do Departamento de Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, n.10, p. 24-44, 2003.
- SARLO, B. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SCHMIDT, S. J. “Do texto ao sistema literário: esboço de uma ciência da literatura empírica construtivista”. In: OLINTO, H. K. (Org.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p.53-69.
- _____. Construtivismo na pesquisa da mídia: conceitos, críticas, consequências. *Revista Palavra* – publicação do Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro, n.2, p.111-137, 1994.
- _____. “Sobre a escrita das histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista”. In: OLINTO, H. K. (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996, p. 101-133.